

Setúbal Arqueológica
vol. 20



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017



O CASTRO DE CHIBANES NA CONQUISTA ROMANA

Intervenções arqueológicas de 1996 a 2017

Coordenação
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares



Setúbal Arqueológica

Vol. 20 | 2021

Propriedade	MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/ /Associação de Municípios da Região de Setúbal
Direcção	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Coordenação do volume	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
Capa	Ana Castela
Desenho de campo	David Jesus, Jorge Feio, Jorge Costa [†] , Júlio Costa e Teresa Rita Pereira
Desenho de materiais	Françoise Mayet, Inês Conde, João Pimenta e Teresa Rita Pereira
Mapas	Paula Covas
Fotografia	Arquivo MAEDS, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Rosa Nunes
Inventário	Fernanda Fino, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte e Virgínia Ajuda
Restauro	Paula Palmeira
Paginação e artes finais	Ana Castela e Paula Covas
Impressão	Tipografia Belgráfica Lda.

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 494630/22

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2021
Todos os direitos reservados. Este livro ficará disponível em
open access: <http://maeds.amrs.pt/setubalarqueologica.html>

LISTA DE AUTORES

Adriana Leite

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0001-6721-743X>

Ana Elisabete Pires

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
ana.elisabete.pires@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1118-8569>

Anders Götherström

Centre for Palaeogenetics, Stockholm University, Sweden.
<https://orcid.org/0000-0001-8579-1304>

Antónia Coelho-Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
antonia.c.soares@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6361-7062>

Carlos Tavares da Silva

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
ctavaressilva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0447-9237>

Catarina Ginja

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
catarinaginja@cibio.up.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2278-7089>

Cleia Detry

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
cleiadetry@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0002-5359-2500>

Elisa de Sousa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

João Pimenta

Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joao.marques@cm-vfxira.pt
<https://orcid.org/0000-0001-5149-5566>

Joaquina Soares

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
joaquinasoares1@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5957-3354>

José Antonio Correa Rodríguez

Catedrático Emérito de la Universidad de Sevilla
jacorrea@us.es

Maria Leonor Ferreira

Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.
<https://orcid.org/0000-0002-5991-4101>

Noé Conejo

Departamento de Prehistoria y Arqueología. Universidad de Sevilla
nconejo@us.es
<https://orcid.org/0000-0002-4367-5695>

Ricardo Miguel Godinho

Interdisciplinary Center for Archaeology and Evolution of Human Behaviour (ICArEHB; Universidade do Algarve)
<https://orcid.org/0000-0003-0107-9577>

Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli

Grupo ARCHGEN, BIOPOLIS/CIBIO-InBIO, Universidade do Porto.
<https://www.cienciavtae.pt/portal/FE19-D7B4-3750>

Silvia Valenzuela-Lamas

Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC), Institució Milà i Fontanals, Archaeology of Social Dynamics, Barcelona, Spain.
<https://orcid.org/0000-0001-9886-0372>

Susana Duarte

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal.
cea.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0001-6071-9680>

Susana Estrela

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
estrela.susana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1303-0829>

Teresa Rita Pereira

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
t.pereira.maeds@amrs.pt
<https://orcid.org/0000-0003-2764-7210>

Vincenzo Soria

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - UNIARQ.
vinso84@hotmail.it
<https://orcid.org/0000-0002-2891-6681>

ÍNDICE

- 9 O SÍTIO, A PAISAGEM, OS ECOFACTOS...**
- 11 I. Introdução**
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 27 II. Chibanes. As campanhas de 1996-2017 e a periodização da ocupação humana**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Antónia Coelho-Soares
Susana Duarte
Teresa Rita Pereira
- 45 III. Chibanes. Organização do espaço edificado durante a Idade do Ferro e o Período Romano Republicano**
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 65 IV. Contextos antropológicos do Castro de Chibanes**
Ricardo Miguel Godinho
Adriana Leite
- 73 V. Enterramentos infantis em espaço residencial**
Joaquina Soares
Susana Duarte
- 77 VI. O estudo da fauna dos níveis da Idade do Ferro do Castro de Chibanes (Palmela, Portugal)**
Cleia Detry
Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares
- 87 VII. Genomic analysis of cattle from the Roman Republican fortification of Chibanes, Palmela, Portugal**
Maria Leonor Ferreira
Sílvia de Lima Guimarães Chiarelli
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
Cleia Detry
Silvia Valenzuela-Lamas
Anders Götherström
Ana Elisabete Pires
Catarina Ginja
- 103 CULTURA MATERIAL: CERÂMICA**
- 105 VIII. As taças helenísticas com decoração a molde**
Elisa de Sousa

- 109 IX. A cerâmica tipo Kuass
Elisa de Sousa
- 113 X. Caracterização morfo-estratigráfica das cerâmicas de verniz negro itálico e imitações de Chibanes
Vincenzo Soria
- 121 XI. Chibanes. Cerâmica de paredes finas
Antónia Coelho-Soares
- 131 XII. A cerâmica cinzenta
Elisa de Sousa
- 149 XIII. A cerâmica comum
Elisa de Sousa
Teresa Rita Pereira
- 229 XIV. As ânforas de Chibanes
João Pimenta
- 279 XV. Fiação, tecelagem e costura
Teresa Rita Pereira
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva
- 293 XVI. Signos epigráficos en Chibanes (Palmela)
José Antonio Correa Rodríguez
- 303 METAIS, NUMISMAS E ADORNOS**
- 305 XVII. Os artefactos metálicos
Teresa Rita Pereira
- 347 XVIII. Uso y circulación de moneda en Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal): siglos II – I a.C.
Noé Conejo
- 357 XIX. Adornos de Chibanes
Susana Estrela
- 377 INTEGRAR E CONCLUIR**
- 379 XX. Cultura material e sociedade: as conclusões possíveis
Joaquina Soares
Carlos Tavares da Silva

A cerâmica de tipo Kuass

Elisa de Sousa*

Introdução

A cerâmica de tipo Kuass constituiu o principal serviço de mesa de origem sul-peninsular utilizado no Extremo Ocidente entre o último quartel do século IV a.C. e o período romano-republicano (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003, 2014; Niveau de Villedary y Mariñas e Sáez Romero, 2016). A sua emergência está vinculada à adopção e preferência por protótipos helénicos por parte das comunidades do Círculo do Estreito de Gibraltar, que respondem à interrupção do abastecimento dos vasos gregos, a partir de meados do século IV a.C., com a criação de um serviço próprio que os imita morfológicamente, recebendo, posteriormente, outras influências centro-mediterrâneas. Ainda assim, os centros ocidentais optam por utilizar cânones estéticos mais enraizados nas tradições semitas, usando, preferencialmente, revestimentos de tons avermelhados, sendo os mais escuros, de tradição helénica, menos recorrentes (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003).

O seu repertório está vinculado primariamente ao serviço de mesa, incorporando ainda algumas morfologias específicas para iluminação e uso cosmético/sumptuário (Niveau de Villedary y Mariñas, 2014).

A cerâmica de tipo Kuass é produzida, contemporaneamente, em várias áreas do Círculo do Estreito (Moreno Megías, 2016; Niveau de Villedary y Mariñas, 2003; Ponsich, 1969), ainda que os vasos gaditanos sejam aqueles que alcançam uma maior difusão no Ocidente Peninsular (Soria e Palma, 2017; Sousa, 2009, 2010; Sousa e Arruda, 2010, 2013; Sousa e Fernandes, 2019).

Os padrões de disseminação destas produções de tipo Kuass no Ocidente Atlântico não é ainda completamente inteligível. Enquanto que na costa do Algarve, e mesmo em algumas áreas do interior alentejano, os dados contextuais denunciam a sua utilização ao longo de toda a sua diacronia (Sousa, 2009, 2010; Sousa e Arruda, 2013; Soria e Palma, 2017), na costa ocidental centro atlântica a situação é menos clara. Com efeito, até ao momento, não conhecemos nenhuma evidência arqueológica que permita constatar a presença destes materiais em níveis conservados da Idade do Ferro. A sua ocorrência nos repertórios artefactuais na área do Sado e do Tejo, ainda que escassa, quando devidamente contextualizada surge sempre em associação a níveis do período romano-republicano (Sousa, 2009; Sousa e Fernandes, 2019). Este fenómeno parece relacionar-se com dinâmicas particulares e diferenciadas dos circuitos comerciais que abrangeram o litoral ocidental atlântico na fase final da Idade do Ferro e na época romano-republicana (Sousa, 2019) que necessitam, ainda assim, de ulterior corroboração arqueológica. O conjunto de cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes, apesar de numericamente escasso, pode, ainda assim, fornecer um importante contributo para esta problemática.

A cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes

O conjunto de cerâmica de tipo Kuass recuperado durante as intervenções arqueológicas realizados no Castro de Chibanes é relativamente escasso, totalizando apenas cinco exemplares.

* Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras / Uniarq – Centro de Arqueologia
e.sousa@campus.ul.pt
<https://orcid.org/0000-0003-3160-108X>

Um destes (CHIB 12/220) corresponde a um fragmento de parede e arranque de fundo, provavelmente pertencente a um prato de peixe da forma II de Niveau (2003). Apesar do mau estado de conservação desta peça, é possível constatar a ausência da canelura que circunda o reservatório central, característica que se associa às fases de produção mais tardias desta morfologia (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003, p. 46-48). Este fragmento encontra-se muito alterado devido a fenómenos pós-deposicionais. Ainda assim, a sua pasta alaranjada, elementos não plásticos e restos de engobe permitem propor a sua integração no grupo de fabrico I A, que foi definido para os materiais algarvios (Sousa, 2009, p. 44). Este corresponde ao único fragmento de cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes que não dispõe de informação contextual, tendo sido recolhido num nível superficial.

Um outro fragmento, CHIB 16/247, integra-se claramente no tipo IX-A de Niveau (2003), que reúne pequenas taças de perfil globular, frequentemente

com bordo reentrante. As características da sua pasta, de tonalidade laranja-avermelhada, com frequentes inclusões de calcites, permitem relacioná-la com o grupo de fabrico IV (Sousa, 2009, p. 46). Este exemplar foi recolhido num nível da Fase IIIA, datada de finais do século II / inícios do século I a.C.

O terceiro fragmento de cerâmica de tipo Kuass (CHIB 98/215) parece poder associar-se a uma outra variante de taças globulares, o tipo IX-B (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003), que se distingue do anterior pela sua menor profundidade e maior largura. Integra-se no grupo de fabrico I A (Sousa, 2009, p. 44), tendo sido recolhido num nível da Fase IIIB, do segundo quartel do século I a.C.

No conjunto de cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes regista-se ainda um fragmento de pátera (CHIB 16/1091-1092), com diâmetro largo e bordo vertical. Esta forma inscreve-se já no âmbito das produções tardias desta categoria, sendo possível associá-la a influências da cerâmica de verniz negro itálico neapolitana, mais concretamente dos tipos 5, 7 ou 55 de Lamboglia (Sousa, 2009; Niveau de Villedary y Mariñas, 2014; Niveau de Villedary y Mariñas e Sáez Romero, 2016). As características da sua pasta, de tonalidade amarelada e matriz pulverulenta, permitem associá-la ao grupo de fabrico III-A (Sousa, 2009, p. 45), tendo sido recolhida, tal como a peça anterior, num nível da Fase IIIB.

Por último, resta assinalar a presença de uma lucerna (CHIB 97/140), de perfil completo, integrável no tipo XVI de Niveau. Esta forma integra o grupo das lucernas abertas, que parece corresponder à manutenção das morfologias de iluminação da fase orientalizante, ainda que incorporando alguns elementos helénicos (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003, p. 91). Trata-se de uma forma muito rara no território português, tendo sido reconhecida, até à data, unicamente no Monte Molião, neste caso também em contextos de cronologia romano-republicana (Sousa e Arruda, 2013). As características da sua pasta permitem associá-la, tal como no caso anterior, ao grupo de fabrico III-A (Sousa, 2009, p. 45), sendo proveniente de um nível da Fase IIIB.

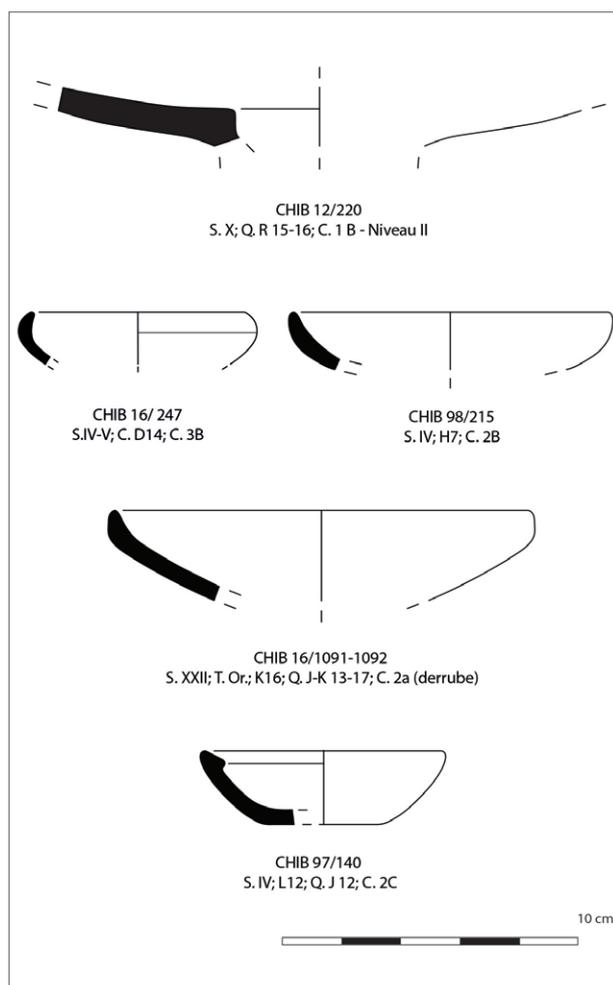


Fig. 1 – Cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes.

Comentário

A cerâmica de tipo Kuass do Castro de Chibanes, apesar de quantitativamente escassa, tem um valor intrínseco incontornável por ser a primeira vez que estes materiais surgem associados a contextos arqueológicos específicos no Baixo Sado.

Apesar de se conhecerem outros exemplares desta categoria na região, mais concretamente no povoado de Alcácer do Sal, não foram ainda disponibilizadas informações específicas sobre os respectivos contextos de recolha. É o caso de um conjunto de cerca de 25 fragmentos de cerâmica de tipo Kuass recolhido nas escavações efectuadas na Cripta, divulgado por V. Soria (2018), onde se identificam pratos de peixe da forma II de Niveau, taças da forma IX, um vaso da forma VIII e um fragmento com decoração estampilhada, ou de um outro fragmento proveniente das intervenções da Igreja do Espírito Santo, não se compreendendo ainda se estes materiais estavam associados à fase de ocupação pré-romana ou ao momento sucessivo (Soria, 2018, p. 201).

Também as escassas formas helenísticas recuperadas na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Gomes, 2016) levantam alguns problemas no que diz respeito à sua definição cronológica, não sendo, inclusivamente, ainda segura a sua classificação como produções de tipo Kuass. Neste âmbito, a associação de pratos de peixe com e sem canelura junto ao bordo, no caso da sepultura 160, anuncia uma cronologia consideravelmente tardia, dos momentos finais da Idade do Ferro ou mesmo já de fase romano-republicana, enquanto que na sepultura 131 esta mesma morfologia está associada a produções de verniz negro itálico, podendo denunciar, consequentemente, a sua contemporaneidade (Gomes, 2016; Arruda e Sousa, no prelo).

Os dados do Castro de Chibanes são, assim, e até ao momento, os únicos elementos com dados estratigráficos seguros da região, indiciando que estas produções não constam dos repertórios artefactuais da Fase II (Idade do Ferro), e que só são adoptadas por esta comunidade durante o período romano-republicano (Fases IIIA e IIIB), datado entre os finais do século II a.C. e os meados da centúria seguinte. Estas informações contextuais são, aliás, coerentes com alguns aspectos morfológicos específicos do conjunto, concretamente com a ausência de canelura em torno ao reservatório central do prato de peixe (CHIB 12/220) e a morfologia da pátera (CHIB 16/1091-1092). Neste aspecto, cabe ainda salientar que a lucerna do tipo Niveau XVI (CHIB 97/140) tem como único paralelo no território português uma peça recolhida também num estrato romano-republicano do Monte Molião (Sousa e Arruda, 2013, p. 653).

A datação tardia dos exemplares do Castro de Chibanes é, aliás, também compatível com as escassas informações disponíveis para o estuário do Tejo, onde

todos os fragmentos de cerâmica de tipo Kuass até ao momento recolhidos em contextos arqueológicos conservados são, efectivamente, do período romano-republicano (Sorìa, 2018; Sousa e Fernandes, 2019).

Apesar de termos consciência de que novos estudos possam vir a alterar este cenário, a verdade é que os dados actualmente disponíveis indicam que a chegada e incorporação destes materiais helenísticos na fachada ocidental atlântica terá ocorrido apenas a partir do último terço do século II a.C. Com efeito, é a partir deste momento que, no âmbito do processo de romanização do Ocidente Peninsular, se re-activam os circuitos comerciais com a zona meridional da Península Ibérica, e que materiais andaluzes voltam a estar presentes, de forma significativa, nos repertórios artefactuais centro-atlânticos.

Esta re-conexão comercial com o horizonte gaditano está plasmada no próprio conjunto de cerâmica de tipo Kuass, considerando que as características de fabrico da maioria dos exemplares do Castro de Chibanes (grupo de fabrico I A e III A) são associáveis aos centros produtores dessa região (Sousa, 2009, p. 47). O restante exemplar, do grupo de fabrico IV, é mais difícil de associar a uma área específica, podendo equacionar-se uma origem no Baixo Guadalquivir (Moreno Megías, 2016) ou, ainda que com menor probabilidade, na costa ocidental norte-africana (Sousa, 2009, p. 48).

Mais difícil é fornecer uma leitura sobre o impacto que a incorporação destas cerâmicas de tipo Kuass possam ter tido no quadro das práticas quotidianas da comunidade do Castro de Chibanes. Neste âmbito, é tentador associar a presença do prato de peixe à importação de produtos haliêuticos gaditanos, que se encontram relativamente bem documentados no sítio. Ainda assim, a escassez deste tipo formal deve ser tida em conta, mesmo quando se incorporam outras produções, como é o caso dos quatro pratos peixe identificados no conjunto da cerâmica comum, e provavelmente também importados do sul andaluz. A escassez desta morfologia poderá indicar que a maioria dos habitantes do Castro de Chibanes terão adoptado outras formas para o consumo desses produtos haliêuticos, revelando tradições culturais diferenciadas das que estão patentes na costa algarvia, onde os pratos de peixe, tanto de cerâmica de tipo Kuass como de cerâmica comum, permanecem bem representados nos serviços de mesa (Sousa, 2009; Sousa e Arruda, 2013, 2014; Sousa, Arruda e Pereira, 2019). As restantes morfologias do Castro de Chibanes, que incorporam sobretudo pequenas taças e páteras, podem ser sido

usadas quer para o consumo de líquidos, quer como recipientes para molhos ou condimentos.

Resta, por último, referir que aos fragmentos de cerâmica de tipo Kuass que foram aqui apresentados devem somar-se ainda outros recuperados durante as escavações de A. I. Marques da Costa no Castro de Chibanes, integráveis na forma IX-A de Niveau (Costa, 1910 – fig. 446-447, 463-464; Sousa, 2009, p. 102; Pimenta *et al.* 2019, p. 57). Estes, infelizmente, não dispõem de informação contextual concreta, permitindo, ainda assim, ampliar a representatividade desta categoria do sítio.

Bibliografia

- Arruda, A. M.; Sousa, E. (no prelo) - Cerámicas de la Edad del Hierro de Alcácer do Sal (Portugal): los platos.
- Costa, A. I. M. (1910) – Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. *O Archeologo Português*, XV, p. 55-83.
- Gomes, F. (2016) - *Contactos culturais e discursos identitários na Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII – V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Moreno Megías, V. (2016) - *La influencia púnica en las mesas turdetanas: cerámica de tipo Kuass en el Bajo Valle del Guadalquivir*. Sevilla.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2003) - *Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Cádiz: Universidad.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M. (2014) - El éxito de la vajilla helenística “tipo Kuass”. Resultado de la adopción de una moda estética o reflejo de transformaciones culinarias y comensales?. In F. J. García Fernández e E. García Vargas (eds.), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética Occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universitat, p. 119-174.
- Niveau de Villedary y Mariñas, A. M.; Sáez Romero, A. (2016) - The Red Slip Tableware of Punic and Early Roman Gadir/Gades (4th – 1st cent. BC): an update on the so-called “Kuass Ware”. In S. Japp e P. Kogler (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag, p. 55-68.
- Pimenta, J.; Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Pereira, T. (2019) – Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos. *Ophiussa*, 3, p. 45-79.
- Ponsich, M. (1969) – Les ceramiques d imitation: la campanienne de Kouass. Région d Arcila-Maroc. *Archivo Español de Arqueología*, 42, p. 56-80.
- Soria, V. (2018) – *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Tese de Doutoramento. Lisboa (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).
- Soria, V.; Palma, F. (2017) - A cerâmica de tipo Kuass em Mértola (Portugal). As escavações da Biblioteca Municipal. *Archivo Español de Arqueología*, 90, p. 77-96.
- Sousa, E. (2009) - *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, E. (2010) - The use of “Kouass ware” during the republican period in Algarve (Portugal). In *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 41, p. 523-528.
- Sousa, E. (2019) – O comércio na costa atlântica portuguesa durante a segunda metade do 1º milénio a.C. In E. Ferrer Albelda (ed.), *La ruta de las Estrímnides*. Alcalá de Henares: Universidad, p. 499-520.
- Sousa, E.; Arruda, A. M. (2010) – A gaditanização do Algarve. *Mainake* 32-II), p. 951-974.
- Sousa, E.; Arruda, A. M. (2013) - A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos). In *Arqueologia em Portugal. 150 anos. Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 651-659.
- Sousa, E.; Arruda, A. M. (2014) – A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos). *Onuba*, 2, p. 55-90.
- Sousa, E.; Fernandes, L. (2019) – A cerâmica de tipo Kuass das escavações do Teatro Romano de Lisboa. *Conimbriga* 58, p. 101-126.
- Sousa, E.; Pereira, C.; Arruda, A. M. (2019) - O serviço de mesa de época romana republicana de Monte Molião (Lagos, Portugal). In J. Coll Conesa (coord.), *OPERA FICTILES Estudios transversales sobre cerâmicas antiguas de la Península Ibérica*. Madrid: Ediciones de la Ergástula, vol. 2, p. 357-368.